

SEM RESERVA, MAS COM ESPERANÇA

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná)

Numa noite de primavera, saí para jantar com um amigo de Curitiba que estava de passagem por Paris. Era quinta-feira, os restaurantes estão sempre cheios. Normalmente se reserva com antecedência, mas não o fizemos. Confiantes de nossa sorte, fomos no improviso, à brasileira. Preferimos ir andando pelos lados de Saint Germain des Près, na esperança de encontrar um lugar que nos agradasse.

Tentamos a *Brasserie Lipp*, restaurante conhecido e badalado, freqüentado por gente do cinema e da imprensa. Como era de se esperar, só teria mesa livre para dali a duas horas. Não quisemos esperar, a fome era grande. Tentamos um outro, logo adiante, que eu sabia ser bom. Decepção, havia gente do lado de fora esperando a vez. Lembrei então de um restaurante ali perto, o *Bilboquet*, de ambiente animado, onde há sempre jazz ao vivo. Poderíamos assim alimentar o estômago e o espírito ao mesmo tempo. Sem nem ao menos olhar o cartaz para averiguar que conjunto estaria tocando, na pressa e na ânsia de encontrar lugar, entramos sem mais delongas. Tivemos sorte, havia uma mesa, mas só em cima, onde não se podia ver os músicos. Aceitamos mesmo assim e nos instalamos, pedimos nosso jantar, agora tranqüilamente, e ficamos aguardando a música começar. Apenas por curiosidade, pois nem sempre a gente conhece as bandas de jazz que costumam tocar nessas casas, pergunto o que teríamos hoje, e a que horas o espetáculo começaria. E qual não foi nossa surpresa ao ouvirmos a resposta: - Hoje o show é de música brasileira, e deve começar dentro de mais ou menos uma hora.

Apesar de meu contentamento (gosto de nossa música, além do que sinto a falta nesse curto exílio), preocupei-me com meu amigo, que afinal acabara de chegar do Brasil e deveria estar querendo ouvir outras coisas. Mas, ao contrário, ele não achou nada ruim, preferiu ficar. Disse-me, inclusive, que no Brasil nem se ouve mais a MPB assim, ao vivo (que pena!). Seria para ele uma situação quase inusitada; em todo caso, um prazer.

Quando os músicos começaram, já havíamos terminado nosso jantar. Descemos rapidamente e sentamo-nos ao lado deles, num local de onde não se podia ver seus rostos de frente. Eram quatro instrumentistas: baterista, baixista, tecladista e um violonista que também cantava. Tocaram Djavan, Caetano, Milton... Que prazer ouvi-los, recordar e imaginar.

De repente interrompem para dar entrada a três outras cantoras, visivelmente as estrelas da noite. Logo percebemos que se tratava de profissionais. Seu trabalho era um pouco diferente das improvisações que se costuma ver dos artistas brasileiros em Paris, a maioria fazendo música meio que por acaso, confiando na brasileiroice musical, no jeitinho, no gosto dos franceses em relação à nossa música. E continuamos a ouvi-las.

Perguntamo-nos várias vezes quem seriam, pois as desconfianças já pairavam no ar. Portanto nenhum queria ainda se arriscar. Afinal, não podia ser. Há tanto tempo não ouvíamos falar desse conjunto, pensávamos que nem existisse mais. Mas faltando só um pouquinho para um de nós se aventurar a dizer o nome, embora estando quase certos de tê-las reconhecido, elas cantam uma canção que nos deu enfim a certeza. Começava assim: “Eu vou voltar aos velhos tempos de mim/Vestir de novo meu casaco marrom”... Depois dessa, você também adivinhou, não é? Pois nada mais nada menos que o Trio Esperança, com Evinha e tudo, de residência em Paris já há algum tempo.

Ficamos curtindo cada música até o espetáculo se acabar, batemos ainda um papinho com elas no final. Só então deixamos o restaurante, com um pedaço de nossa infância na memória, contentes da coincidência. Quem diria, lembrar os velhos tempos do Trio Esperança... em Paris! Graças à nossa falta de reserva...